

# OS PROTAGONISTAS

## DA EDUCAÇÃO

CORREIO BRAZILIENSE

18 MAR 1998

Dom Lucas Moreira Neves

Sou o primeiro a torcer o nariz ao ver ou ouvir no plural a palavra protagonista. No sentido etimológico de primeiro combatente, primeiro agente ou primeiro ator, o protagonista é, por definição, um só: os outros serão colaboradores secundários ou simples comparsaria.

Em sentido contrário, porém, devo admitir que, olhando sob ângulos diferentes, um fato, um evento ou um drama podem ter diferentes protagonistas. Depende do ponto de vista.

Com essa explicação de ordem semântica, mas com reflexos na filosofia e na própria realidade, cabe a pergunta sobre os protagonistas da educação.

Não hesito em afirmar, na boa companhia de pedagogos e de mestres na filosofia da educação, que o verdadeiro protagonista da educação é o próprio educando. Assim é, com certeza, se entendemos por educar, como deixamos claro nesta mesma coluna ("O vasto mundo da educação", quarta-feira, 11/3/98), e-ducere, tirar de dentro do educando algo que aí já estava em potencial. O educando oferece, nesse sentido, a indispensável matéria-prima da sua educação: suas faculdades espirituais, suas virtualidades, suas capacidades à espera de serem desenvolvidas até à maior plenitude possível. O educando é, pois, protagonista, ao menos enquanto não opõe resistência ao crescimento e amadurecimento de um patrimônio que ele abriga em embrião. Mas seria pouco se fosse somente não opor resistência: o protagonista do educando exige

que ele seja o primeiro a querer o crescimento endógeno e exógeno das suas faculdades humanas latentes. Em vão trabalhariam outras pessoas se o próprio educando não aceitasse ser educado.

Dito isso, é urgente acrescentar que o multimencionado crescimento das faculdades interiores não se faz automaticamente. É necessária a ação de outros — pessoas, grupos, ambientes — como incentivadores e orientadores. Um animal se educa pela força dos instintos; um ser humano, por ser dotado de razão e vontade, sensibilidade e afetividade, imaginação e memória, senso do bem, da beleza, da verdade e do amor, precisa da ajuda de outros seres humanos que o incentivem, mostrem, corrijam, ajudem para fazer nascer, e-ducere, a pessoa que está dentro e é gestada.

Numa hierarquia de protagonistas da educação, depois do próprio educando, coloco, sem vacilar, em primeiro lugar a família. Coloco o pai e a mãe: sua função original é a de transmitir a vida biológica e corporal mas essa função está incompleta se não se prolonga na de ensinar aos filhos a viver, isto é, dar-lhes o sentido da vida e razões para viver. Coloco também no mesmo grau de protagonismo a constelação familiar: avós e tios, os irmãos uns para com os outros, primos, parentes... Coloque, além disso, todo um clima familiar e doméstico que caracteriza o protagonismo da família na educação: nos outros ambientes pode haver mais técnica pedagógica, mais competência, mas na família há vínculos

de sangue e de afeto, de intimidade e de conhecimento que nenhum outro ambiente possui. Por essa razão, a família é o melhor espaço para que os educandos — os filhos — cresçam ao mesmo tempo na sua identidade própria e irrepetível e na sua socialização.

Dou o segundo lugar na hierarquia dos educadores à Igreja. Isso por alguns motivos muito simples: 1) porque é o primeiro espaço que a criança conhece e experimenta logo depois da casa de família e em ligação com ela; 2) porque o educando aí recebe ajuda para crescer numa dimensão essencial da sua personalidade, a da consciência moral e religiosa; 3) porque na experiência de fé e no aprendizado do Absoluto de Deus no seio da comunidade eclesiástica o educando recebe um elemento decisivo para os demais aspectos da sua educação plena.

O outro protagonista chama-se a escola e é de enorme relevância o seu papel, quer pelos anos que o educando passa no ambiente escolar; quer pela influência marcante exercida pelos professores; quer, ainda, pelo fato de ser a escola encarregada de infundir educação, formação da personalidade juntamente com a instrução, ou seja com a fascinante aventura de alfabetizar e de tirar das trevas da ignorância, desvendando segredos cujo sentido e cujo valor o educando vai descobrindo pouco a pouco. Acresce que, na escola gratuita e de boa qualidade, o Estado cumpre o seu dever de formar verdadeiros cidadãos úteis à sociedade e à nação. É de vital importância que escola e

família se encontrem na sintomática mais estreita possível, pois do descompasso entre as duas quanto aos valores essenciais que devem transmitir pode surgir uma esquizofrenia pedagógica altamente nociva ao educando e, mais cedo ou mais tarde, à comunidade humana na qual ele vier a entrar. Na medida em que reinar entendimento entre as duas, elas podem corrigir as cárências de uma ou da outra e enriquecer-se mutuamente em benefício do educando.

Seria inconveniente e perigoso minimizar outro protagonista da educação, protagonista menos formal e menos sistemático, mas não menos importante: o grupo de crianças, de adolescentes e de jovens. Seja a dimensão lúdica a principal marca do grupo, seja a do estudo, seja até a religiosa, tais grupos são uma sorte de matriz na qual são geradas, de modo mais ou menos correto, mais ou menos completo, personalidades que irão influir bem ou mal na sociedade.

Último nessa lista mas não o menos decisivo, antes, talvez, o mais dominador, o protagonista da mídia, especialmente da televisão. O inquietante é que esse pode ser poderosamente educativo como poderosamente deseducativo. Depende dos modelos que propõe, da escala de valores ou antivalores que oferece, da qualidade de humanismo no qual se baseia. Mas sobre esse protagonismo informático ou mediático é obrigatório retomar o discurso. Não hoje nem nas calendas gregas...

■ Dom Lucas Moreira Neves é cardeal primaz do Brasil e presidente da CNBB